

UMA INTERPRETAÇÃO PARA A FORTE ACELERAÇÃO DA TAXA DE DESEMPREGO ENTRE OS JOVENS

Carlos Henrique Leite Corseuil¹
Katcha Poloponsky²
Maira Albuquerque Penna Franca³

1 INTRODUÇÃO

A análise da conjuntura do mercado de trabalho nos anos mais recentes tem destacado um forte aumento na taxa de desemprego. Os jovens têm sido apontados como um dos grupos mais afetados por esse aumento no desemprego. Esse fato não chega a ser surpreendente se analisarmos outras experiências de aceleração do desemprego, tanto no Brasil quanto em outros países. Há um certo consenso na literatura sobre uma maior sensibilidade dos jovens ao ciclo econômico. Porém, ainda não há consenso sobre as causas dessa maior sensibilidade.

Nesta nota procuramos explorar possíveis explicações para o expressivo aumento recente da taxa de desemprego dos jovens brasileiros. Além de subsidiar possíveis ações de políticas públicas no Brasil, a nossa análise visa também contribuir para o debate mais amplo sobre a maior sensibilidade dos jovens ao ciclo econômico.

A nossa estratégia passa pela desagregação dos indicadores para jovens por subgrupos etários. Conforme argumentaremos, esses subgrupos seriam, em tese, afetados de forma diferenciada, conforme as diferentes causas que abordaremos para a subida no desemprego.

Antes disso, apresentaremos a evolução recente da taxa de desemprego dos jovens, que vem a ser o ponto de partida de nossa análise. Utilizaremos os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad Contínua) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). O período de análise será compreendido entre o primeiro trimestre de 2012 e o terceiro trimestre de 2017.

O gráfico 1 apresenta a evolução da taxa de desemprego para os jovens de 15 a 29 anos. De 2012 a 2014, o valor da taxa de desemprego entre os jovens oscilou em torno de 13%. A partir do primeiro trimestre de 2015, o desemprego seguiu

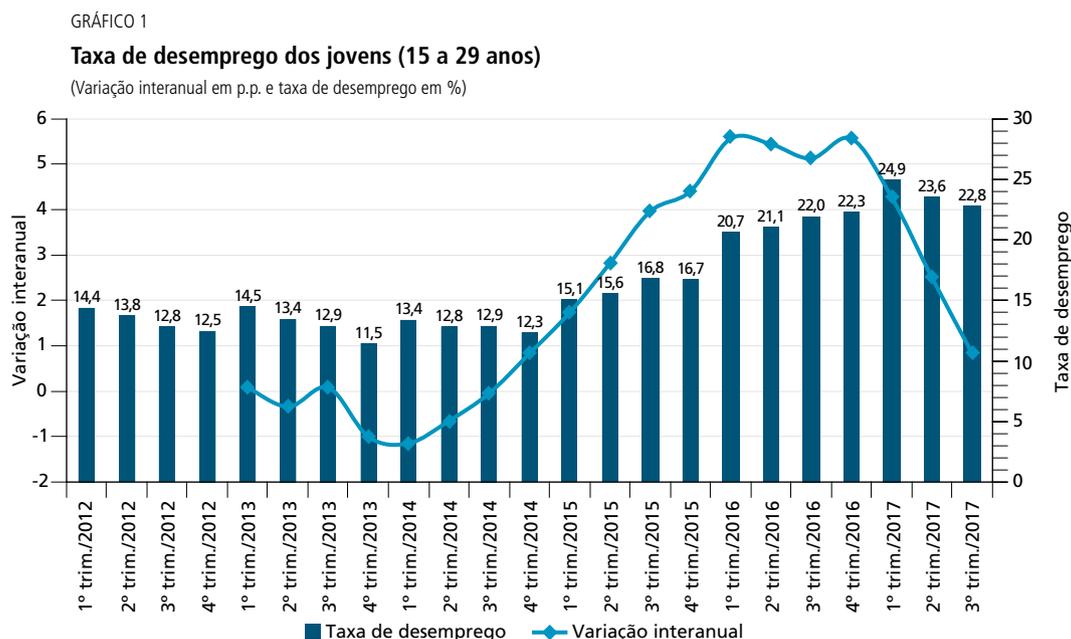
1. Técnico de planejamento e pesquisa na Diretoria de Estudos e Políticas Sociais (Disoc) do Ipea. *E-mail*: <carlos.corseuil@ipea.gov.br>.

2. Pesquisador no Ipea. *E-mail*: <katcha.poloponsky@ipea.gov.br>.

3. Doutoranda na Universidade Federal Fluminense (UFF) e pesquisadora no Ipea. *E-mail*: <maira.franca@ipea.gov.br>.

uma trajetória de crescimento elevado e contínuo, passando de 15%, nesse período, para 25% no mesmo trimestre de 2017, um aumento de 10 pontos percentuais (p.p.) em dois anos. Vale destacar que, em 2017, a taxa mostra sinais de recuo. Após registrar, no primeiro trimestre de 2017, o maior valor no horizonte temporal coberto pelo gráfico, verificam-se duas quedas consecutivas e a taxa de desemprego vai para 22,8% no terceiro trimestre de 2017, interrompendo a trajetória de crescimento observada desde 2015.

Em termos absolutos, a população desocupada entre os jovens aumentou em 67% entre o primeiro trimestre de 2015 e o primeiro trimestre de 2017, passando de 4,55 milhões de desempregados para 7,61 milhões. No terceiro trimestre de 2017, verifica-se uma redução de 8,5% no número de desocupados em relação ao observado no primeiro trimestre do mesmo ano.



2 HIPÓTESES MOTIVADAS POR ATITUDES DOS JOVENS NO MERCADO DE TRABALHO

2.1 O jovem como trabalhador adicional em um contexto recessivo

Uma hipótese muito em voga em outros episódios recentes de subida brusca do desemprego dos jovens é centrada em um maior empenho dos jovens para buscar emprego em ambiente recessivo. Essa maior disposição do jovem para se integrar no mercado de trabalho viria compensar uma piora na situação dos adultos. Dessa forma, convencionou o termo “trabalhador adicional” para se referir à hipótese em questão. Ou seja, para tentar manter um padrão de consumo estável na família, os choques negativos no mercado de trabalho absorvido pelos membros da família de idade mais avançada seriam compensados pela inserção de membros mais jovens que se mantinham

até então fora do mercado de trabalho (ou que já tinham um envolvimento parcial e tentariam aumentar a frequência do trabalho em suas vidas).⁴

De acordo com essa hipótese, a taxa de participação dos jovens deveria subir em um contexto recessivo. Além disso, se uma parcela significativa dos jovens que estariam entrando na força de trabalho não conseguir um emprego de imediato, então haveria uma pressão para o desemprego dos jovens subir concomitantemente a subida da taxa de participação.

2.2 O jovem preferindo a escola ao trabalho em um contexto recessivo

Uma hipótese alternativa sobre o envolvimento do jovem no mercado de trabalho em um contexto recessivo seria motivada por teorias que têm esse envolvimento como resultado de uma escolha feita entre a dedicação aos estudos e/ou ao trabalho. Essa escolha seria feita comparando os respectivos benefícios dessas atividades. Considera-se que o benefício da escola consiste em uma melhor perspectiva de envolvimento futuro no mercado de trabalho. Dessa forma, pode-se dizer que esse benefício, quando avaliado no presente, tende a variar relativamente menos com o ciclo econômico do que o benefício do trabalho no presente. Sendo assim, em um contexto recessivo, o trabalho no presente tende a ter sua atratividade reduzida e a escolha dos jovens tenderia a pender para a escola.

De acordo com essa hipótese, a taxa de participação dos jovens tenderia a cair, o que pressionaria para baixo as taxas de desemprego. Assim, mesmo em um ambiente recessivo, não seriam esperados aumentos bruscos da taxa de desemprego quando esse tipo de comportamento do jovem tiver um papel de destaque na determinação da evolução do desemprego.

2.3 O que dizem os dados?

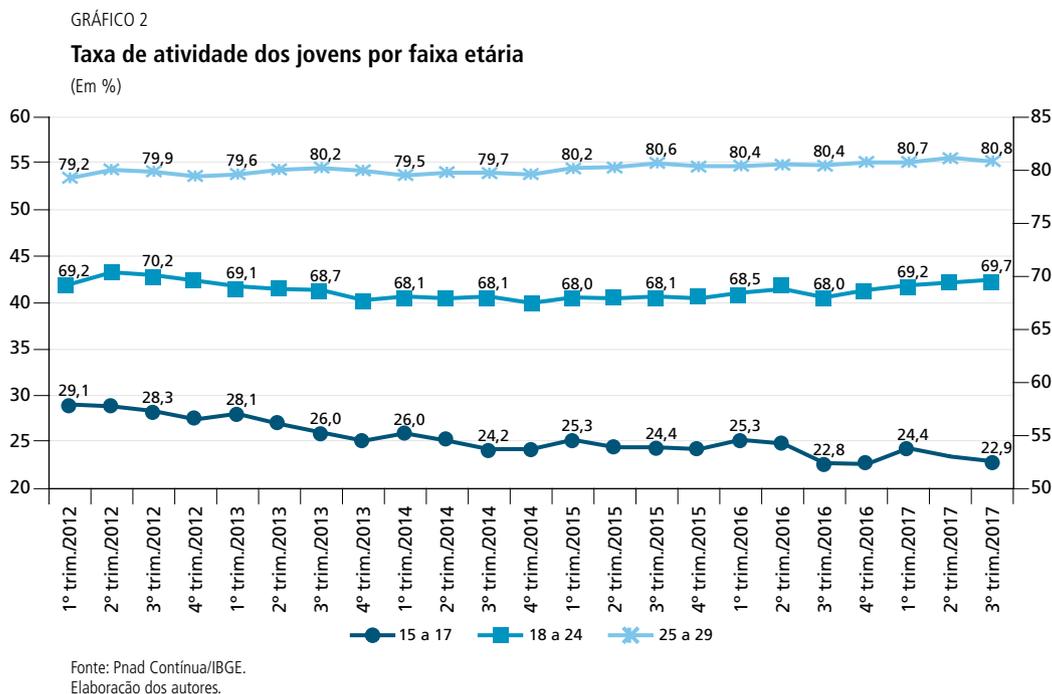
A análise dos dados estratificados por faixas etárias mais estreitas pode ser útil para checar a relevância das hipóteses citadas anteriormente. Por um lado, é de se esperar que a “competição” entre escola e trabalho pelo tempo do jovem seja mais premente para jovens na adolescência. Por outro lado, a tentativa de assumir um protagonismo maior para suprir as necessidades familiares tenderia a ser mais natural, ou mesmo até mais eficaz, entre jovens que já ingressaram na vida adulta.

Sendo assim, dividiremos a faixa etária de 15 a 29 anos em três subgrupos: 15 a 17, 18 a 24, e 25 a 29 anos de idade. Como os mecanismos teóricos considerados anteriormente passam por movimentos na taxa de participação, mostraremos primeiro a evolução recente desse indicador para esses três subgrupos etários. Essa evolução aparece no gráfico 2. O primeiro aspecto a ser notado é a marcante diferença no nível da taxa de participação entre os três grupos considerados, com essa taxa crescendo com a idade.

4. Originalmente essa hipótese era empregada para analisar o comportamento de cônjuges, sobretudo mulheres, em períodos de recessão nos anos 1960 e 1970. Ver Lundberg (1985) para os Estados Unidos, enquanto Sedlacek e Santos (1991) transpõem o debate para o Brasil analisando dados dos anos 1980. Em virtude do aumento expressivo nas taxas de participação das mulheres desde então, alguns autores passaram a adaptar a mesma hipótese para os jovens. No Brasil, cabe mencionar esse tipo de análise centrada nos jovens tendo sido feita por Duryea, Lam e Levison (2007) e Oliveira, Rios-Neto e Oliveira (2014). Também é digno de menção o pioneirismo de Jatobá (1994), que já havia contemplado, para além das mulheres, os jovens como um grupo passível de ser afetado pelo comportamento de trabalhador adicional.

A diferença mais marcante fica por conta do grupo mais novo, que inclusive tem sua escala de valores deslocada para o eixo secundário.

O nosso foco aqui será o contraste na evolução desses indicadores no período de aceleração do desemprego, que, conforme ilustrado no gráfico 1, ocorreu entre o final de 2014 e o início de 2017. No período entre os primeiros trimestres de 2015 e de 2017, a taxa de participação do subgrupo de 15 a 17 anos registrou uma queda expressiva de mais de 1 p.p. por ano, passando de 25,3% para 22,9%. Esse movimento parece corroborar o fato de os jovens dessa faixa etária passarem a considerar o mercado de trabalho como uma alternativa menos atrativa de alocação para o seu tempo.



É interessante notar que não há registro de queda na taxa de participação dos outros dois subgrupos etários no mesmo período. Para os jovens de 18 a 24 anos, esse indicador sobe de 68,0% para 69,7% entre os primeiros trimestres de 2015 e 2017. Um movimento de subida também é registrado para a taxa de participação dos jovens de 25 a 29, porém de forma menos expressiva (de 80,2% para 80,8%). Ou seja, para os jovens que já iniciaram a vida adulta houve de fato uma intensificação da busca por emprego em um contexto recessivo, compatível com a hipótese de trabalhador adicional.

Tendo o respaldo dos dados no que diz respeito à atitude dos jovens perante um contexto recessivo, cabe se perguntar o quanto que essa atitude contribui para a evolução do desemprego dos respectivos grupos de jovens. Cabe lembrar que a diminuição na taxa de participação nos jovens mais novos pressionaria para baixo a taxa de desemprego desse grupo, enquanto o aumento da taxa de participação entre os jovens adultos tenderia a pressionar para cima as respectivas taxas de desemprego.

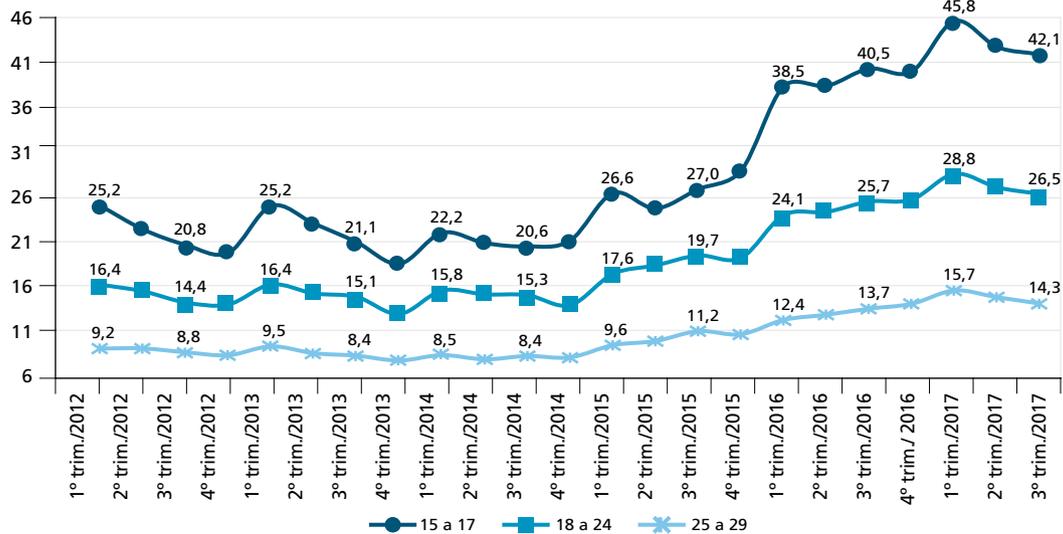
O gráfico 3 evidencia um crescimento de quase 20 p.p. no desemprego dos adolescentes de 15 a 17 anos, que passa de 26,6%, no primeiro trimestre de 2015, para 45,8% no mesmo trimestre de 2017. Nos demais grupos verificou-se uma elevação menos abrupta do desemprego. No mesmo período, a taxa de desemprego dos jovens de 18 a 24 anos subiu 11 p.p., chegando a 28,8% no primeiro trimestre de 2017, e a dos jovens adultos subiu 6 p.p., chegando a 15,7%.

Sendo assim, mesmo que pelo lado da oferta a redução na participação dos jovens adolescentes tenha contribuído de certa forma para atenuar a subida do desemprego, algum outro determinante vem dominando a evolução do desemprego.

GRÁFICO 3

Taxa de desemprego dos jovens por faixa etária

(Em %)



Fonte: Pnad Contínua/IBGE.
Elaboração dos autores.

3 ENTÃO POR QUE O DESEMPREGO SOBE (E MUITO) ENTRE OS MAIS NOVOS?

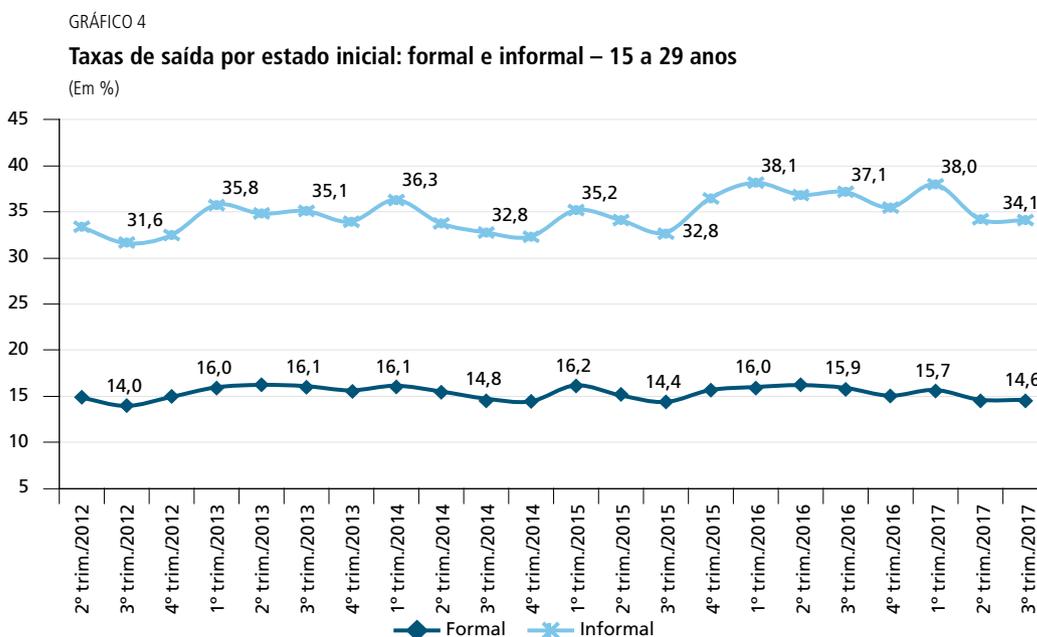
Os resultados anteriores sugerem que o maior aumento na taxa de desemprego entre os jovens foi registrado para o grupo de 15 a 17 anos (gráfico 3). Esse aumento não se deve a uma busca mais intensa por trabalho por parte desse grupo (gráfico 2). Nesta seção vamos investigar em que medida há um movimento de saída da condição de ocupado relativamente mais intenso para esses jovens de 15 a 17 anos.

Para isso faremos uso do caráter longitudinal dos dados da Pnad Contínua. Dessa forma, podemos analisar os fluxos de entrada e saída dos jovens na ocupação. Consideramos três estados para os jovens: *i*) ocupação formal; *ii*) ocupação informal; e *iii*) fora do emprego. Na última categoria estão inseridos os jovens fora da força de trabalho e os desocupados. Em cada trimestre observamos o estado inicial dos jovens e, para um grande número de observações, conseguimos identificar o estado no trimestre seguinte.

Começaremos apresentando resultados para a categoria mais abrangente de jovens: de 15 a 29 anos. O gráfico 4 traz a proporção de jovens que transitou para fora de seu estado inicial, formal ou informal, o que denominamos de “taxa de saída”.

A ocupação informal mostrou-se bastante volátil e apresentou a maior taxa de saída. Durante o período, em média 35% dos jovens deixaram a ocupação informal entre um trimestre e outro. Cabe destacar que, entre o primeiro trimestre de 2016 e o primeiro trimestre de 2017, a taxa de saída da ocupação informal manteve-se mais elevada do que no restante do período. Nos primeiros trimestres de 2016 e 2017, essa taxa chegou a 38%. A partir do segundo trimestre de 2017, a taxa de saída da ocupação informal retrocedeu para 34,1%. O número de ocupados informais cresceu quase 8% no terceiro trimestre de 2017 em relação ao mesmo trimestre de 2016; esse resultado pode ser atribuído tanto a uma redução na saída da ocupação informal quanto a uma recuperação da transição de fora do emprego para informalidade, como será visto mais adiante.

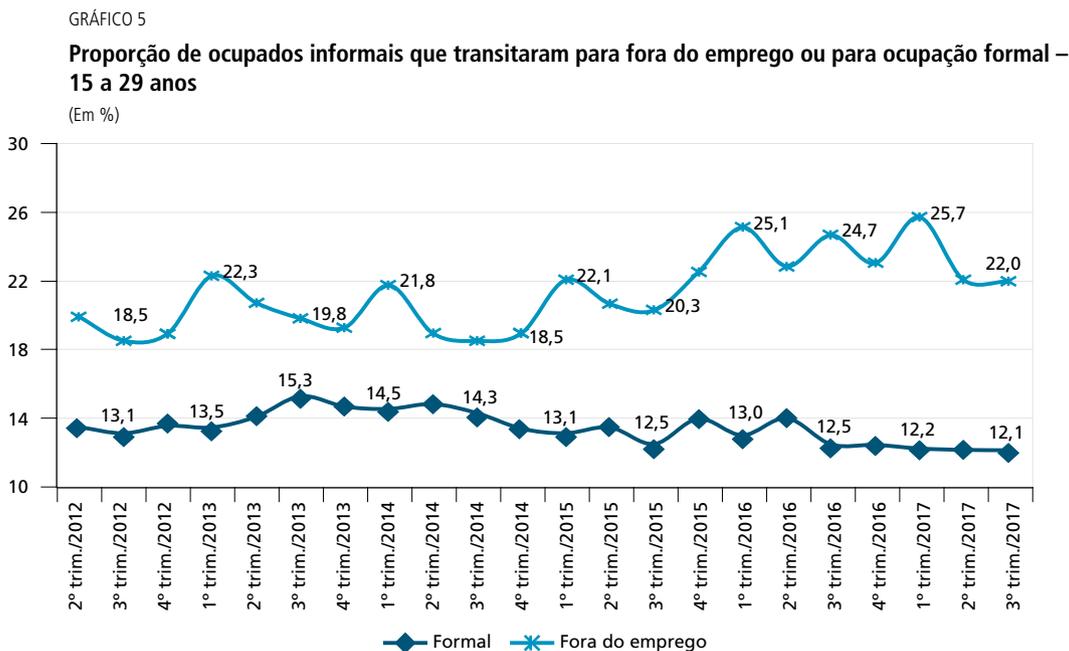
As taxas de saída da ocupação formal apresentaram pouca variação, mesmo durante o período de crise. Nos segundo e terceiro trimestres de 2017, a taxa de desligamento do formal foi de 14,6%, um pouco abaixo da média de 15,4% observada no período todo. Sendo assim, a queda acentuada no número de trabalhadores e autônomos formais não parece estar relacionada a um aumento do fluxo de saída da ocupação formal, visto que esse aumento manteve-se estável em termos proporcionais.



Fonte: Pnad Contínua/IBGE.
Elaboração dos autores.

Pelo gráfico 5 é possível perceber que a maioria dos jovens que sai da ocupação informal vai para fora do emprego, e só uma pequena parte consegue transitar para o setor formal. No período de maior aceleração do desemprego, entre o primeiro trimestre de 2015 e o primeiro trimestre de 2017, o fluxo de saída do informal para fora do emprego aumentou em cerca de 4 p.p., saindo de 22,1% para 25,7%. Já a transição para ocupação formal

apresentou um recuo, sobretudo a partir do terceiro trimestre de 2016, quando passa de 14% para 12,5%, mantendo uma tendência de baixa até o último trimestre observado.



Fonte: Pnad Contínua/IBGE.
 Elaboração dos autores.

A partir do gráfico 5 é possível construir a seguinte hipótese: o aumento de desemprego mais intenso do subgrupo de 15 a 17 anos seria motivado pela combinação de uma alta taxa de informalidade desse grupo e de um crescimento na taxa de saída dos jovens desse grupo que estavam em postos informais.

A primeira parte do argumento pode ser confirmada com os resultados da tabela 1, que registra que cerca de 80% dos ocupados na faixa de 15 a 17 anos exerciam suas atividades em postos informais.⁵ Nos demais grupos verificam-se taxas de informalidade bem menores. Para o mesmo período, as médias foram de 42% no grupo de 18 a 24 anos, e de 34% para os jovens de 25 a 29 anos.

TABELA 1
Taxa de informalidade¹ por faixa etária
 (Em %)

Faixa etária	1º trim./2015	1º trim./2016	1º trim./2017
15-17 anos	80,0	79,1	82,8
18-24 anos	40,8	41,8	44,8
25-29 anos	33,2	33,8	34,4
15-29 anos	40,5	40,8	42,4

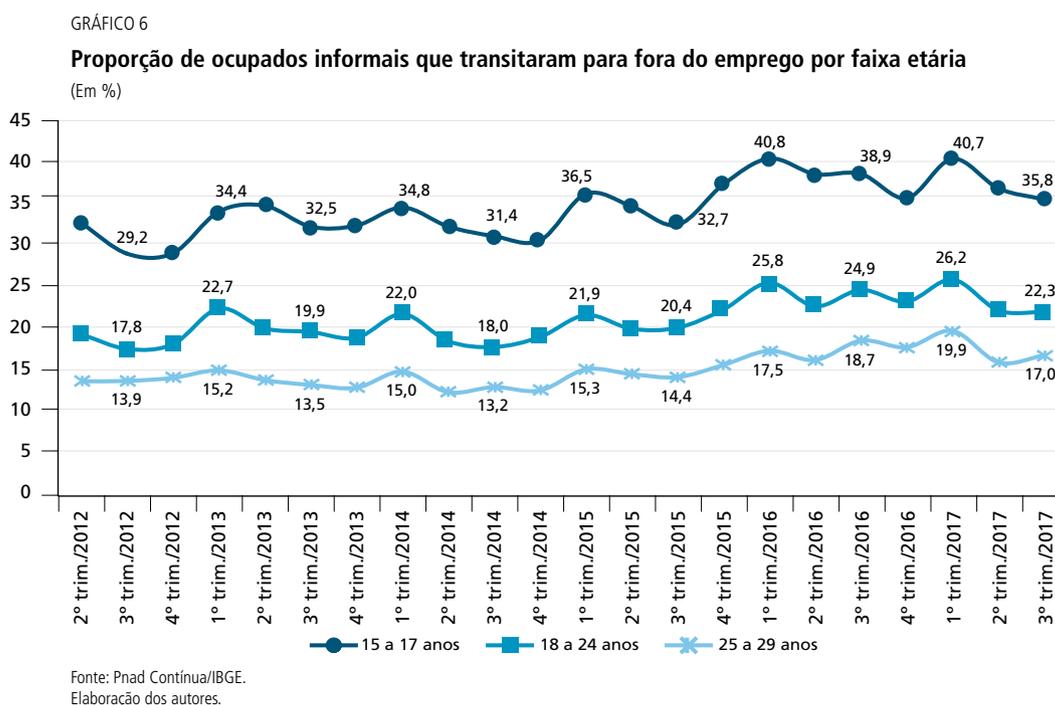
Fonte: Pnad Contínua/IBGE.
 Elaboração dos autores.

Nota: ¹ Taxa de informalidade = percentual de conta-própria e empregadores que não contribuíam com a Previdência, trabalhadores sem carteira e trabalhadores não remunerados em relação ao total de ocupados.

5. A definição de informalidade engloba todos os jovens com alguma ocupação, inclusive os empreendedores (conta-própria e empregadores) que são considerados como formais se declararam contribuir com a Previdência.

Por fim, o aumento dos desligamentos da ocupação informal ocorreu nas três faixas etárias. Para os adolescentes de 15 a 17 anos, a saída da ocupação informal para fora do emprego aumentou em 4,3 p.p. entre os primeiros trimestres de 2015 e 2017, com 40,7% dos jovens nessa faixa etária sendo desligados do emprego informal nesse último trimestre. O aumento dos desligamentos da ocupação informal é um dos fatores que contribuiu para aumentar o desemprego dos adolescentes em um contexto de redução da taxa de atividade dos mais novos.

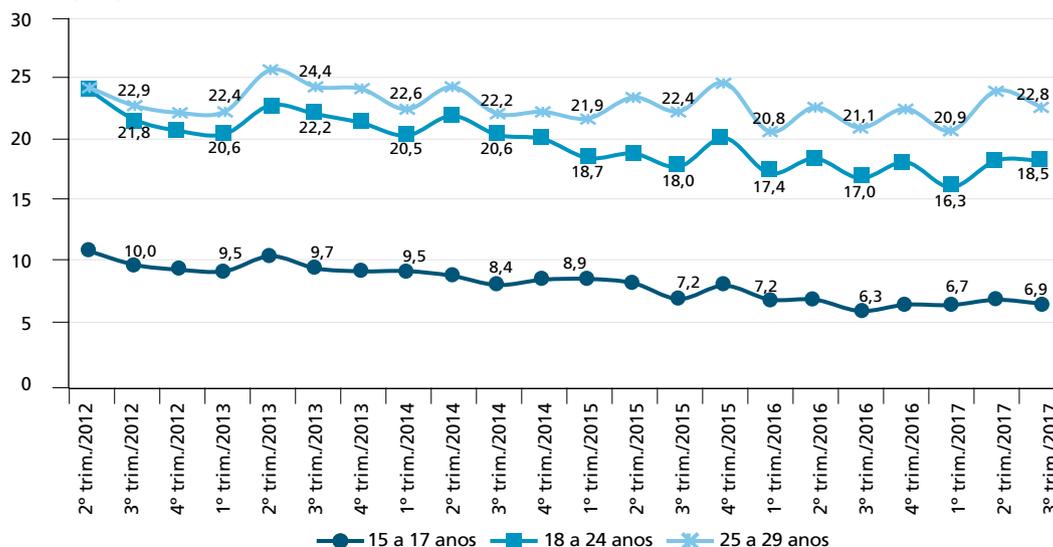
No grupo de 18 a 24 anos, os desligamentos da ocupação informal aumentaram de 22% para 26% entre o primeiro trimestre de 2015 e o mesmo trimestre de 2017. Os mais velhos, de 25 a 29 anos, apresentam a menor taxa de desligamentos, mas nesse grupo também se verificou a maior variação dessa taxa. A proporção de ocupados informais que saíram do mercado de trabalho passou de 15,3%, no primeiro trimestre de 2015, para 19,9% no primeiro trimestre de 2017.



Outro fator que pode ter contribuído para aumentar o desemprego dos jovens foi uma redução da entrada no emprego principalmente nas faixas de 15 a 17 anos e de 18 a 24 anos. Segundo o gráfico 7, o percentual de adolescentes de 15 a 17 anos que transitou de fora do emprego para a ocupação formal ou informal decresceu durante todo o período, passando de 11,2% na primeira transição de 2012, para 7% no terceiro trimestre de 2017. Para os jovens de 18 a 24 anos, a queda foi de 5,7 p.p. no mesmo período analisado. Já o grupo de jovens de 25 a 29 anos apresentou um comportamento mais volátil e uma redução menor ao longo do período. O percentual de jovens de 25 a 29 anos que transitaram de fora do emprego para a ocupação formal e informal passou de 24,4%, na primeira transição de 2012, para 22,8%, no terceiro trimestre de 2017.

GRÁFICO 7

Proporção de jovens fora do emprego que transitam para a ocupação formal ou informal por faixa etária
(Em %)



Fonte: Pnad Contínua/IBGE.
Elaboração dos autores.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta nota procuramos encontrar possíveis explicações para o expressivo aumento recente da taxa de desemprego dos jovens brasileiros. Para isso, foram usados os dados da Pnad Contínua do IBGE para o período compreendido entre o primeiro trimestre de 2012 e o terceiro trimestre de 2017. Os dados da Pnad Contínua revelaram que, de 2015 a 2017, o desemprego dos jovens seguiu uma trajetória de crescimento elevado e contínuo, passando de 15%, no primeiro trimestre de 2015, para 25%, no mesmo trimestre de 2017, um aumento de 10 p.p. em dois anos.

Entre as hipóteses apresentadas motivadas pelas atitudes dos jovens no mercado de trabalho, uma em destaque é a hipótese de “trabalhador adicional”, a qual relaciona um aumento da participação do jovem no mercado de trabalho, de modo a compensar uma piora na renda dos adultos em um contexto recessivo. Para os jovens de 18 a 24 anos e de 25 a 29 anos, verificam-se aumentos de 1,7 p.p. e de 0,6 p.p. nas taxas de atividade entre os primeiros trimestres de 2015 e de 2017, compatíveis com a hipótese de trabalhador adicional.

Para os adolescentes de 15 a 17 anos, verificou-se uma queda expressiva na taxa de participação durante todo o período. O comportamento desse grupo parece ser mais bem descrito por teorias de escolhas alternativas entre estudo e trabalho, pelas quais o benefício presente do trabalho tenderia a perder atratividade em relação à escola em períodos recessivos.

Sendo assim, pelo lado da oferta as variações na taxa de participação não parecem explicar a subida do desemprego para os mais novos. Mas esse grupo é justamente o que apresenta o maior aumento no desemprego (quase 20 p.p. entre 2015 e 2017).

Pelo lado da demanda, a análise de fluxos da Pnad Contínua revelou um aumento da transição da ocupação informal para fora do mercado de trabalho em todas as faixas etárias. Esse aumento nos desligamentos do emprego informal pode ter tido um grande impacto no desemprego dos adolescentes de 15 a 17 anos, visto que 80% da ocupação nessa faixa etária é informal. Para agravar a situação, o aumento nos desligamentos do setor informal foi acompanhado por uma queda na entrada no mercado de trabalho, considerando a transição de quem estava fora do emprego para ocupação formal ou informal. A interação entre esses dois movimentos contribuiu para intensificar o desemprego dos jovens em todas as faixas etárias.

REFERÊNCIAS

- DURYEA, S.; LAM, D.; LEVISON, D. Effects of economic shocks on children's employment and schooling in Brazil. **Journal of Development Economics**, v. 84, n. 1, p. 188-214, 2007.
- JATOBÁ, J. A família brasileira na força de trabalho: um estudo de oferta de trabalho – 1978/88. **Pesquisa e Planejamento Econômico**, v. 24, n. 1, p. 1-34, 1994.
- LUNDBERG, S. The added worker effect. **Journal of Labor Economics**, v. 3, n. 1, p. 11-37, 1985.
- OLIVEIRA, E.; RIOS-NETO, E.; OLIVEIRA, A. M. O efeito trabalhador adicional para filhos no Brasil. **Revista Brasileira de Estudos Populacionais**, Rio de Janeiro, v. 31, n. 1, p. 29-49, 2014.
- SEDLACEK, G.; SANTOS, E. A mulher cônjuge no mercado de trabalho como estratégia de geração de renda familiar. **Pesquisa e Planejamento Econômico**, v. 21, n. 3, p. 449-470, 1991.